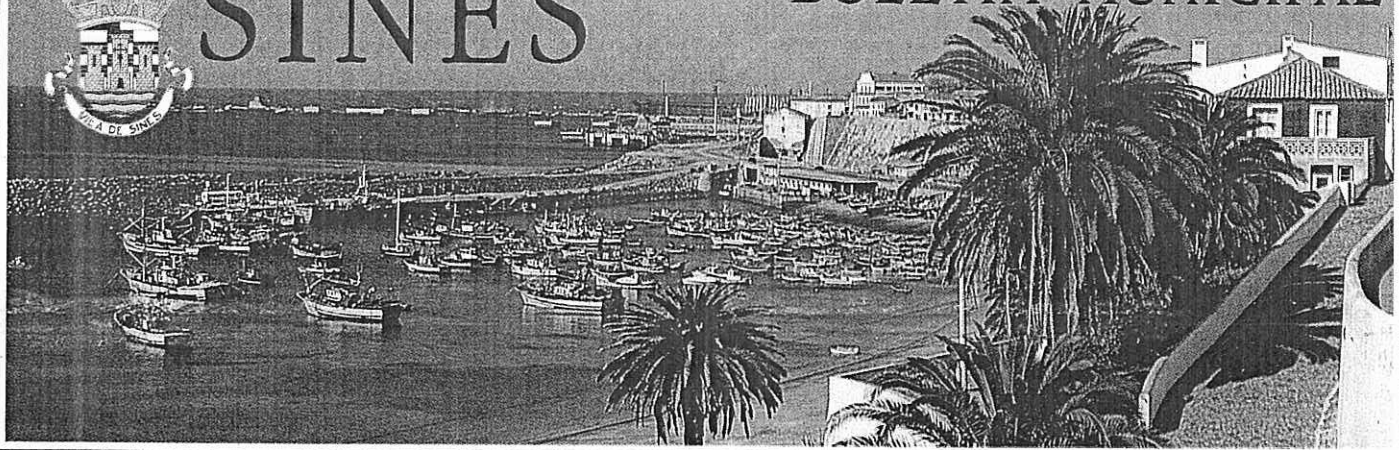




SINES

BOLETIM MUNICIPAL

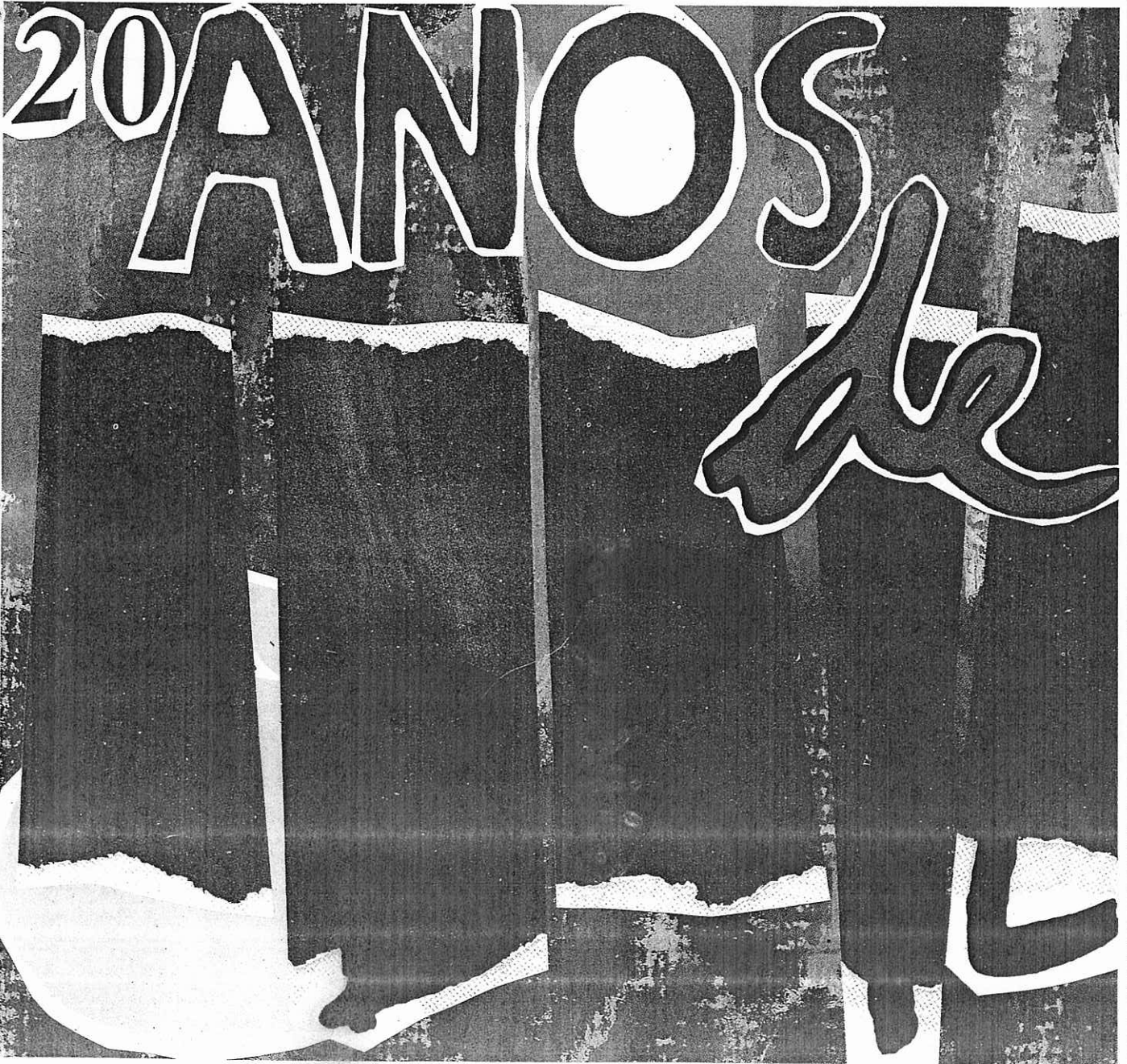


ANO XVII Nº 87

MARÇO/ABRIL 1994

EDIÇÃO C.M.S.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



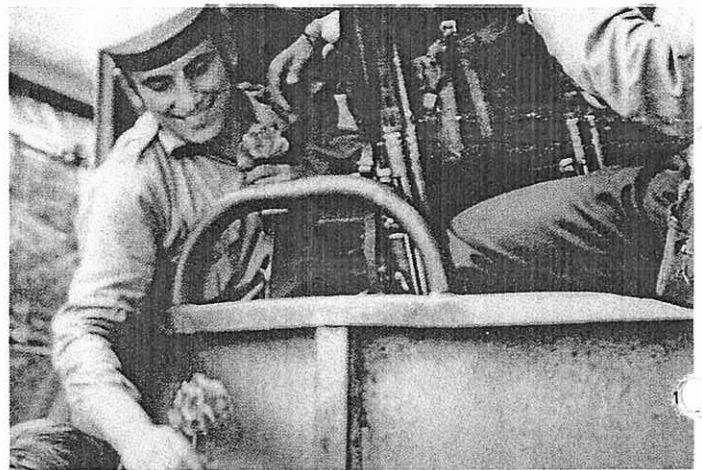
sines

informação municipal

EDITORIAL

A Revolução de Abril faz vinte anos...

Para a maioria dos nossos jovens que completam a mesma idade, isto não significa praticamente nada. Contentam-se em constatar mais um feriado nacional, com a alegria comum aos adolescentes, a ir às diversas comemorações que por todo o lado são organizadas, a ouvir indiferentes uma série de refrões que não têm, no que lhes diz respeito, grande significado e... é tudo! Abril é, para eles, uma série de histórias e aventuras mais ou menos inverosímeis que ouviram contar aos mais velhos e que no seu imaginário se situam num distante local histórico anterior ao seu nascimento, tal como os ecos longínquos da grande guerra ou dos horrores nazis. Meras páginas de livros de história com dados friamente arquivados, catalogados e depositados em estantes poeirentas de frias bibliotecas que, todos os anos naquela mesma data, saltam das parateleiras para as parangonas dos jornais ou para o ecran dos televisores e assinalam a cores desbotadas um rio vertiginoso de emoções e



sentimentos que prepassou pelo peito daqueles homens fardados, empoleirados em cima de tanques de combate, cruzando as avenidas de Lisboa com cravos rubros a espreitar dos canos das metralhadoras e uma turbamulta em delírio a gritar à sua volta. Imagem surrealista e romântica que os franceses apelidaram de «Revolução dos Cravos» e que correu mundo a atestar a poética, mas não menos determinada, vontade de fazer História do povo português.

Mas o 25 de Abril de 1974 não foi apenas esse dia memorável que apeou de vez do Poder uma ditadura senil mas implacável. Abril foi também, e sobretudo, os longos anos de luta e sofrimento de uma nação contra um governo impiedoso que enviava para a morte milhares dos nossos jovens, a combater por um ideal estúpido e megalómano, condenado à posteriori ao suicídio; um governo que prendia, torturava e ultrajava sindicalistas e estudantes, trabalhadores e universitários, por tão só ousarem opinar contra a sua política decrépita e esclerosada; governo que perseguiu, exilou e vilipendiou homens e mulheres cujo nome, probidade e inteligência, internacionalmente reconhecidos, acusavam intrepidamente este país isolado por um profundo autismo e desprezado por todo o mundo civilizado.

«Orgulhosamente sós», era então a patética divisa nacional, balão mesquinho e fútil, inflado de vitórias morais de atavismo pré-histórico, que apregoava o fado e a tourada como destino nacional, numa filosofia umbilical paupérrima, vampirizando a miséria do povo numa dupla sangria ruinosa em terras de além-mar, à sombra das

FICHA TÉCNICA

Boletim Municipal de Sines

Ano XVII Nº 87 MARÇO/ABRIL 1994

Propriedade

Câmara Municipal de Sines
Telef. (069) 862188 - Fax (069) 633022

Director

Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco

Redacção e Coordenação

Redactor

João do Ó Pacheco
Fotografia e Grafismo
Gabinete de Informação

Depósito Legal

44915/91

Composição e Impressão

REGISET — Artes Gráficas, Lda.
Est. Baixa Palmela - Qta. Gonçalo José
Apartado 401 - 2900 SETÚBAL
Tel. (065) 551407 / (01) 2330059 - Fax (065) 551453
Tiragem 4 000 exemplares

aparições cíclicas e prodigiosas de Fátima e da esperança Sebastiana do Quinto Império.

País cujo governo devorava os seus próprios filhos, como uma loba ensandecida, tentando saciar o ciúme da sua impotência, a raiva da sua criatividade castrada, a eficácia sempre insuficiente da liberdade amordaçada.

O 25 de Abril foi indubitavelmente mais do que a simples reconquista da Liberdade, foi um reacender da própria esperança nacional, asfixiada intelectualmente por uma arbitrariedade institucionalizada e por uma hipocrisia criminoso.

Vinte anos depois, é necessário fazer lembrar aos mais jovens que, se proventura hoje se encontram natural e merecidamente no contexto de uma Europa moderna e comunitária, isso se deveu ao acto patriótico que no dia 25 de Abril tomou nas suas mãos o destino nacional para o transformar em crédito junto dos nossos parceiros europeus.

Provavelmente, num tempo não muito distante, e perante as inúmeras influências da enorme babel europeia que iremos integrar, espera-nos tarefa igualmente árdua: a de manter incólume a nossa identidade nacional e a especificidade da língua e da cultura portuguesas. Para tal, vai ser necessário guardar bem presente os momentos da nossa História que orgulhosamente sublinharam o espírito patriótico de um povo intrépido e aventureiro que tem sabido manter bem erecta a sua cabeça, ao longo dos seus muitos séculos de existência.



in «Diário de Lisboa»
28 de Abril de 1974

A escola da DGS-PIDE ocupada ontem

A Escola Técnica da extinta Direcção Geral de Segurança-PIDE foi ocupada ontem, ao princípio da tarde, sem resistência, por forças do Exército e por Fuzileiros.

A coluna militar que procedeu à ocupação partiu dos terrenos fronteiros ao Palácio de Justiça, na Avenida Marquês de Fronteira. Era constituída por engenhos blindados de reconhecimento, auto-metralhadoras ligeiras, chaimites e numerosos camiões e jeeps com soldados e fuzileiros navais. Admitia-se que permanecessem na escola agentes da DGS-PIDE e receava-se que oferecessem resistência.



BRUSCAMENTE NUM ABRIL PASSADO...



A MALTA QUE NASCEU COM A REVOLUÇÃO

O Boletim Municipal de Sines saiu à rua para colher algumas impressões junto dos jovens que este ano prefazem 20 anos, ou seja, daqueles que nasceram no ano em que teve lugar a Revolução de Abril de 1974.

Vinte anos depois, o que é que essa «malta» pensa que foi Abril, de que maneira o entendem e o que esperam como consequência lógica da abertura que o nosso país veio a beneficiar após a «Revolução dos Cravos».

Escolhemos os jovens a entrevistar um pouco ao calhar, aqueles que como nós frequentam os mesmos cafés e bares, que têm opinião própria sobre as mais variadas coisas e a dão publicamente de forma espontânea, muitas vezes sem que lhes tenha sido pedida. Constatámos uma coisa de veras curiosa: os adolescentes adoram estas coisas dos Media, gostam e querem ser entrevistados, não se intimidam perante os microfones nem os gravadores e estão cada vez mais desinibidos. Têm uma consciência profunda do seu ego... e cultivam-no. A Pós-Modernidade é sem dúvida a estação dos Narcisos!

Preparámos 5 perguntas que pudessem reflectir o contexto básico do «ancien régime» e questionámos MARTA

CHAVES, estudante 12º ano na Área de Humanísticas; BETA SANTA-BÁRBARA, estudante de Jornalismo, ZECA SOUSA, ex-estudante 11º ano, actual ajudante de electricista...

LUISS, preferiu ilustrar com um trabalho seu fotográfico o que significa para ele a luta antes do 25 de Abril. Um obrigado a todos do Boletim Municipal.

1ª Pergunta: «Qual pensas era a imagem que Portugal tinha, antes do 25 de Abril de 74, entre os seus parceiros comunitários?»

As respostas:

Marta Chaves - Os outros achavam que nós éramos um país que estava sob o domínio fascista e que nos submetíamos às ordens de uma só pessoa. No fundo éramos um bocado um povo sem vontade que se submetia a um ditador... acho que era assim que nos viam, porque nos outros países as coisas não eram bem assim. Aqueles que achavam que o sistema do país estava mal, fugiam para França ou Inglaterra tentando fortalecer as bases para cá voltarem.

Beta - Eu acho que não era uma imagem muito clara, etc... era uma imagem muito ambígua porque isto, como em qualquer ditadura, a imagem que passa para o exterior é aquela que

os poderosos querem. Portugal tinha uma política secretista, o segredo de estado era uma coisa imperiosa... a ditadura serviu mesmo para isso, ninguém sabia de nada. O estrangeiro devia ter acesso à informação que o nosso governo, o vosso dos mais velhos, que eu não tinha nascido ainda graças a Deus, queria dar. Mas alguns países deviam ter conhecimento da nossa opressão e desgraça, como a Inglaterra e a França, sei lá...

Zeca (1ª perg.) - Pelo que ouvi dizer, era um país oprimido e que não havia liberdade para fazer nada e... é só isso. Acho que era essa a imagem que devíamos ter...

2ª Pergunta - «O que foi a Guerra Colonial? Contra quem era movida e o que pretendia o governo português na altura?»

As respostas:

Marta - O governo português foi lá com o intuito de defender aquilo que era deles, porque na altura aquilo era deles...

Contra quem foi? Acho que aquilo era tudo uns contra os outros...

Beta - A guerra colonial era feita, segundo o que penso, contra os países colonizados e aconteceu porque Portugal não estava muito afim de tornar as colónias independentes, houve uma grande revolta por parte das tribos etc., de forma que, sei lá, Portugal pretendia não abrir mão das riquezas que estavam a ser exploradas.

Praticou-se uma política escravagista, etc., sei lá, sempre fomos um país muito orgulhoso...

Zeca - Isso é uma pergunta de História! A Guerra Colonial não devia ter existido. Para já, pelas pessoas que conheço que foram lá, acho que não valeu a pena. Contra quem Foi? Não sei... não sei se foi algum movimento racista... não faço ideia!

3ª Pergunta - «Estás de acordo com a forma como foi conduzida a descolonização?»

As respostas:

Marta - Não. Porque foi impulsionada pelos interesses pessoais de cada um. Tentaram descolonizar aquilo de maneira que nós ficaríamos com o que nos interessava; os países descolonizados não

ganhavam nada, só perdiam.

Beta - De forma alguma porque quando a guerra se tornou insustentável devido às perdas humanas, deixaram tudo ao deus dará etc., e não houve nenhum processo de descolonização que permitisse aos Povos das colónias, sei lá, prosseguirem o seu próprio desenvolvimento. Aliás, o desenvolvimento que houve em África enquanto os Portugueses lá estiveram foi fictício, etc., tiraram proveitos, criaram estruturas pré-fabricadas, sei lá, uma metáfora...

Zeca - Não! Porque acho importante para um país ter colónias, não ser só Portugal continental mas ter as suas colónias e as riquezas dessas colónias.

Fomos para a Guerra e não ganhámos nada com isso. Descolonizaram e prontos... fomos uns parvalhões!

4ª Pergunta - O que era a PIDE Qual a sua função?

Marta - Era a polícia do Salazar. Era aquela polícia que punia todos os que fizessem frente ou não estivessem de acordo com Salazar.

Beta - Acho que a PIDE era uma mafiazinha à paisana que se infiltrava e subornava a população para obter informações. E também faziam torturas. Prontos, sei lá, uma Gestapozinha, portanto. Portugal tinha uma ditadura fascista em miniatura, a do Hitler foi em grande escala, em Portugal ficámo-nos pelo nosso país... ainda quisemos matar uns quantos africanos, mas não atingimos grandes proporções.

Zeca - A ideia que tenho desses gajos é que eram pagos para fazer isso... para defender um regime. Não os censuro mas também não gosto deles.

5ª Pergunta - «O que pensas actualmente que seria imperioso reivindicar na sequência lógica das conquistas de Abril?»

As respostas:

Marta - Acho que deveriam ter dado mais liberdade às pessoas, mais informação. Tentaram implantar no país uma coisa que podia ter sido muito bonita mas que no fundo saiu forjada. Não era nada daquilo que as

pessoas que o fizeram queriam. Acho que em 1º lugar que deveriam mudar a mentalidade às pessoas, prepará-las para a revolução e depois implantar-lhe o sentido de liberdade e fraternidade.

Beta - O que penso que seria lógico reivindicar?... Há muitas coisas... mas também as coisas melhoraram muito, porque desde o momento em que aparentemente o cidadão é livre tem uma liberdade aparente, mas no fim de contas andam todos manipulados...

Acho que há uma coisa que devemos reivindicar, a despersonalização a nível cultural do povo... sei lá, estamos todos muito americanizados, hoje em dia está tudo muito feio. O que eu digo pode ser muito utópico, mas os valores culturais de nosso país deviam ser o objectivo principal... ainda por cima com esta misturada da CEE... ah, eu adoro ser entrevistada!

Zeca - Só se reivindicar acerca das ideias que os mais velhos nos transmitem. As ideias do meu pai, por exemplo, são de um regime Salazarista... mas na prática vejo liberdade para fazer tudo e mais alguma coisa...

COMEMORAÇÕES POPULARES DO 25 DE ABRIL COMISSÃO PROMOTORA

Vai realizar-se no próximo dia 25 de Abril, em Lisboa, o habitual desfile comemorativo do 20º Aniversário da Liberdade no nosso País.

A Comissão Promotora das Comemorações Populares apela à adesão no Desfile de todos os democratas em geral, informando que o mesmo se realizará do Marquês de Pombal aos Restauradores, com início da concentração às 14.30 horas e partida do Desfile programada para as 15.00 horas.

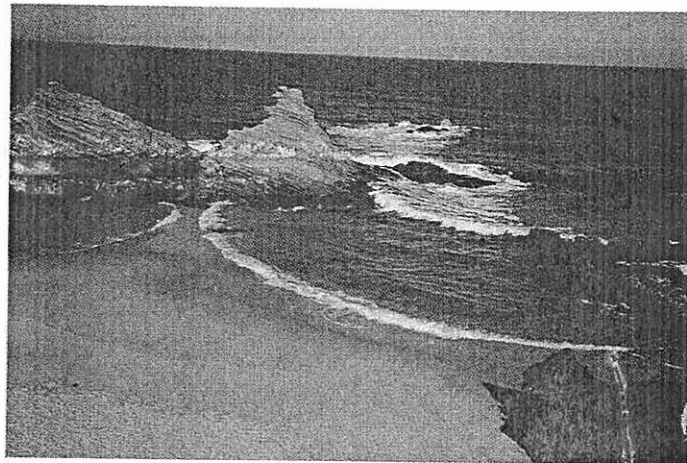
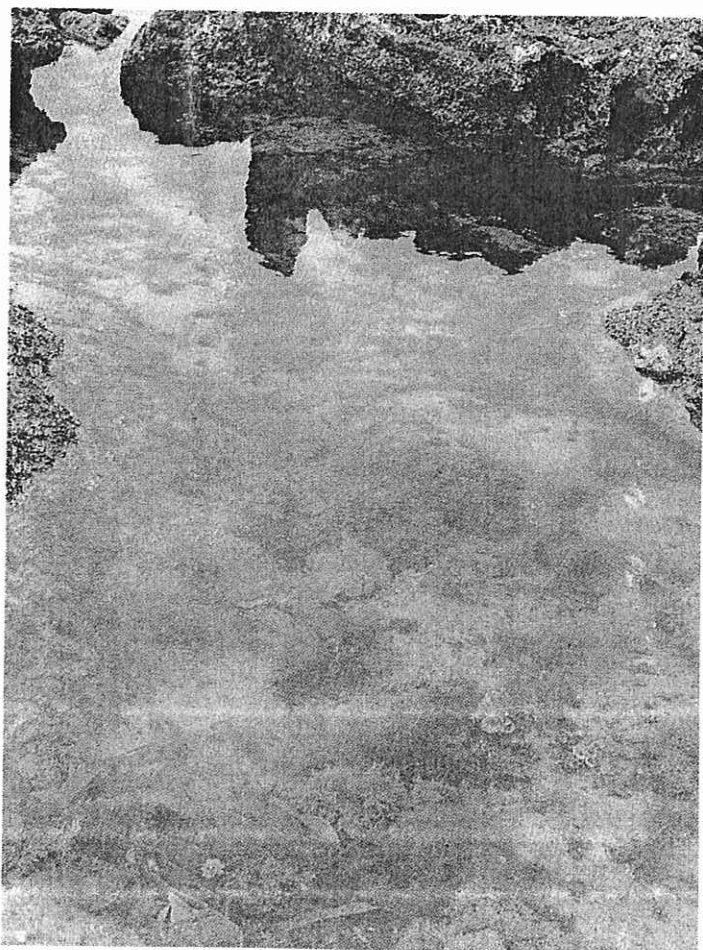


AMORA - SEIXAL
14 e 15 de Maio
Associação de
Municípios do
Distrito de Setúbal
e Autarquias Locais

PAISAGEM PROTEGIDA DO SUDOESTE ALENTEJANO E COSTA VICENTINA

Criada em 1988 a Área da Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, ocupa uma área de 74 mil hectares, que se estendem pelo litoral dos concelhos de Sines, Odemira, Aljezur e Vila do Bispo, numa extensão de 176 Km, desde a linha de Água que limita, pelo norte, a praia de S. Torpes, até Burgau. Esta área inclui ainda o mar e fundos marinhos adjacentes numa faixa de 2 quilómetros ao longo da costa correspondente.

Destinada «a promover a protecção e aproveitamento sustentado dos recursos naturais, bem como outros valores naturais, paisagísticos e culturais da zona, sustendo e corrigindo os processos que poderiam conduzir à sua degradação e criando condições para a respectiva manutenção e valorização», a APPSACV visa também a defesa das várias espécies de plantas e animais que sofrem o



perigo de extinção ou estão eventualmente já extintas, devido a factores vários, tais como: a ocupação urbanística, a perturbação e destruição involuntária provocada pelas massas de veraneantes, agricultura forçada, caça e pesca excessiva, além do risco de poluição do Complexo Industrial de Sines.

A região abrangida pela APPSACV é caracterizada por um extenso planalto marginado do lado interior pelos relevos do Cercal e Espinhaço do Cão e, ao lado do mar, por um litoral de altas arribas, que em certos pontos atingem os 150 metros de altura predominantemente xistosas e de grande interesse geológico.

As praias e falésias da zona são muito frequentadas por várias espécies de carnívoros, como raposas, ginetos e fuinhas. Em alguns vales mais profundos podem ainda encontrar-se lincos e gatos bravos. Ao longo de toda a costa abundam as lontras em habitat marinho.

As aves são contudo o património faunístico mais visível da Paisagem Protegida, onde nidificam os dois últimos casais portugueses de águia-pesqueira e algumas cegonhas. Das 200 espécies de aves referenciadas, 26 reproduzem-se nas falésias litorais, entre os quais os falcões-peregrinos e os pombos-de-rocha.

A APPSACV tem em preparação diversas publicações sobre a Ilha do Pessegueiro, a Lontra Marinha, a Cegonha Branca, o Javali e o Ordenamento Florestal. A fim de defender estas espécies e também o coberto vegetal da zona, deverão ser definidas dentro da área algumas zonas de «protecção total», com acesso restrito.

Na faixa marítima, a área tem contactos com as Universidades do Algarve, de Lisboa e Évora, para realização de estudos. Dois projectos: um sobre o sobreiral e outro sobre a águia-pesqueira, vão ser lançados e candidatados ao programa comunitário LIFE.

A INCINERADORA DO NOSSO DESCONTENTAMENTO

Que sentido poderá fazer quer instalar uma Incineradora de Resíduos Tóxicos e Perigosos ao lado de uma zona de paisagem protegida — Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina — que está com possibilidades de vir a ser classificada como Parque Natural?

Esta é uma das muitas perguntas absurdas que se pode fazer ao desejo do Governo de vir a estabelecer na área de Sines um sistema de gestão de resíduos industriais.

A contestação e recusa do povo de Sines é evidentemente fundamentada. A organização ecologista Greenpeace elaborou um relatório sobre as consequências de uma tal instalação, idêntica àquela que está prevista para Sines. O estudo apresentava indicadores que apontavam seriamente para a possibilidade de mal formações, em grávidas residentes nos arredores da fábrica, devido aos gases libertados pela estação.

Além disso, não se justifica de maneira alguma, num concelho com potencialidades turísticas como o de Sines, que se malbarate uma tal riqueza natural a fim de aumentar substancialmente as fontes de poluição que a área em si mesmo já detem, devido ao complexo industrial que existe nas imediações. Para mais, e ao contrário daquilo que a actual Ministra do Ambiente e Recursos Naturais, Teresa Patrício Gouveia, veio insinuar ao dizer que: «se ninguém aceitar, o Governo não pode deixar de chamar a si a responsabilidade que lhe compete...», o então Ministro Fernando Real, na altura em que a polémica rebentou, garantiu que as componentes do Sistema nunca seriam instaladas contra a vontade dos municípios. Ora o município de Sines e a sua população em geral, já demonstraram por várias vezes a profunda repugnância que tal decisão lhes inspira, antes mesmo da atitude prepotente e arrogante da actual Ministra.

O Provedor de Justiça, Menéres Pimentel, aquando da sua visita a Sines, deu razão à população que «vai receber o lixo dos outros e se calhar até do estrangeiro». Durante a sua visita o Provedor teve oportunidade de afirmar publicamente a sua discordância com o processo protagonizado pelo Governo em relação à Central de Tratamento de Resíduos Sólidos. Embora tenha deixado claro que não pode ser ele a dizer sim ou não, quanto à localização da incineradora, criticou a actuação do Ministério do Ambiente: «O Governo tem obrigação legal de fazer um contacto com as populações,



depois de ter avaliado o impacte ambiental do projecto. Só que a discussão está ainda por fazer».

Os resultados do estudo da organização Greenpeace adiantam ainda que: «deve haver maneiras de fazer decrescer a produção de lixo tóxico, em vez de o queimar a altas temperaturas, criando um cocktail porventura mais tóxico que os produtos de que as indústrias se querem ver livres».

Segundo o relatório apresentado «mesmo com as melhores tecnologias, nem todos os metais pesados são filtrados e a queima dos resíduos tóxicos acaba por formar produtos bastante mais perigosos que os lixos originais. As dioxinas, os furanos, os PCB e outros organoclorados, contam-se entre os mais persistentes e pelo seu efeito cumulativo no organismo humano causam maiores riscos de cancro».

Por seu lado, o Presidente da Câmara de Sines, Francisco do O'Pacheco, afirma que «continuamos a dizer que não queremos aqui uma Central de Resíduos Tóxicos de âmbito nacional».

Não é correcto que a Incineradora seja localizada em Sines para tratarmos o lixo dos outros. Além disso, pelas dimensões que estão projectadas, a Central vai ser um chamariz para que outras indústrias altamente poluentes se instalem nesta zona, destruindo o equilíbrio ambiental que tanto nos tem custado preservar».

Esta recusa alarga-se a todos os municípios do Litoral Alentejano: Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Oemira, que defendem uma solução descentralizada para o tratamento dos resíduos.

sines

informação municipal

DIA MUNDIAL DA ÁRVORE

Vamos acordar a nossa consciência Planetária

O Dia Mundial da Árvore não deve servir apenas para decorar calendários e proporcionar aos professores uma oportunidade para lembrar às criancinhas que se devem comportar bem face ao meio físico que as rodeia, tal como não destruir os canteiros e não deixar lixo pelos jardins. ISSO TAMBÉM É IMPORTANTE, mas convenhamos que se não houver uma ética familiar que socialmente reproduza aquilo que é actualmente veículado pelas escolas, será impossível que os nossos filhos acreditem intrinsecamente naquilo que ouvem dizer.

As preocupações abstractas e apaixonadas que muitas vezes os movimentos ecologistas reflectem, remetendo-nos para locais remotos, como as florestas tropicais da Amazónia e a desertificação que o homem tem produzido pela exploração da madeira ou na tentativa de angariar mais zonas de cultivo, etc., também têm pouco significado para quem habita as áridas e tórridas planuras alentejanas, por exemplo, MASTAMBÉM SÃO IMPORTANTES.

No fundo importa não descurar dois pontos aparentemente opostos, o alfa e o omega do problema: o microcosmos que habitamos e que depende substancialmente dos nossos gestos quotidianos e o macrocosmos que nos envolve e que depende fundamentalmente do bom funcionamento dos microcosmos onde vivemos. Pode-se dizer sem exagero que a sobrevivência dos embondeiros africanos depende da forma como tratamos o jardim do nosso quintal.

Quando estivermos todos tão educados que compreendamos que jogar no chão lixo que não queremos é o mesmo que escondê-los nos bolsos ou debaixo da tapete da nossa própria casa, talvez possamos aí, como fazem os ultra-higiénicos Suiços, nos preocupar directa e inflamadamente com o que se passa na Amazónia. Mas primeiro é preciso arrumar a nossa casa e deixarmo-nos de devaneios ao luar. É urgente, para se ganhar uma consciência planetária de sobrevivência e respeito mútuo, ser *fundamentalistas da ecologia prática*, quer-se dizer, tratar de resolver assuntos pessoais como o desleixo a que devotamos as nossas ruas, parques e jardins, preocuparmo-nos seriamente cada vez que uma urbanização, só porque é rentável, «tem que derrubar inúmeras árvores centenares que estorvam o «desenvolvimento» das cidades ou vilas ou criar, por sua vez, zonas habitacionais que excluam por completo zonas verdes, essenciais ao equilíbrio psíquico humano não apenas pela sua função estética mas também pela sua componente de salubridade. E isto faz



parte da Educação, do condicionamento que sofreremos na infância desde o «ouvir falar» até ao «ver fazer» aos nossos pais, vizinhos, educadores e personagens mais ou menos conspícuos com quem nos cruzamos na vida. Quando jogar um papel para o chão distraidamente nos fizer corar de vergonha, é sinal de que estamos no bom caminho. Esse caminho deve ser «impertinente» ao ponto de mandar o filho dos nossos amigos apanhar as coisas que jogaram no chão, se os pais se omitirem da responsabilidade. Ser ecologicamente prático é, basicamente, ser uma chatice para os «giros» que não querem saber de nada, que não é nada com eles e sempre com o vizinho do lado, que arranjam sempre desculpas blasés para os seus comportamentos mesquinhos que justificam com a máxima de que isto «vai tudo p'los ares» antes do ano 2000, como diz Nostradamus.

Se assim fosse, gostaria ao menos de ter a consciência limpa de abandonar um Planeta capaz de se recuperar a si mesmo sem o suicidário vírus de Humanidade...



RECOMEÇARAM AS OBRAS NA ESCOLA T42

Reiniciaram no princípio do passado mês de Março, as obras da Escola T42. Pelo programa de trabalho apresentado pela firma constructora, estará garantida a sua conclusão até ao início do próximo ano lectivo, como estava previsto.

AVENIDA VASCO DA GAMA PRA BREVE A SUA CONCLUSÃO

As obras da Avenida Vasco da Gama adquiriram um melhor ritmo. A parte principal, constituída por pavimentação, passeios, muros e iluminação pública, deverá estar concluída até ao final de Maio 94.

CONCLUSÃO DA REDE DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA

Foi concluída a REDE DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA da Rua das Percebeiras e da Estrada da Costa do Norte.

SUBSÍDIOS ÀS COLECTIVIDADES DE SINES PARA O ANO DE 1994 (em estudo)

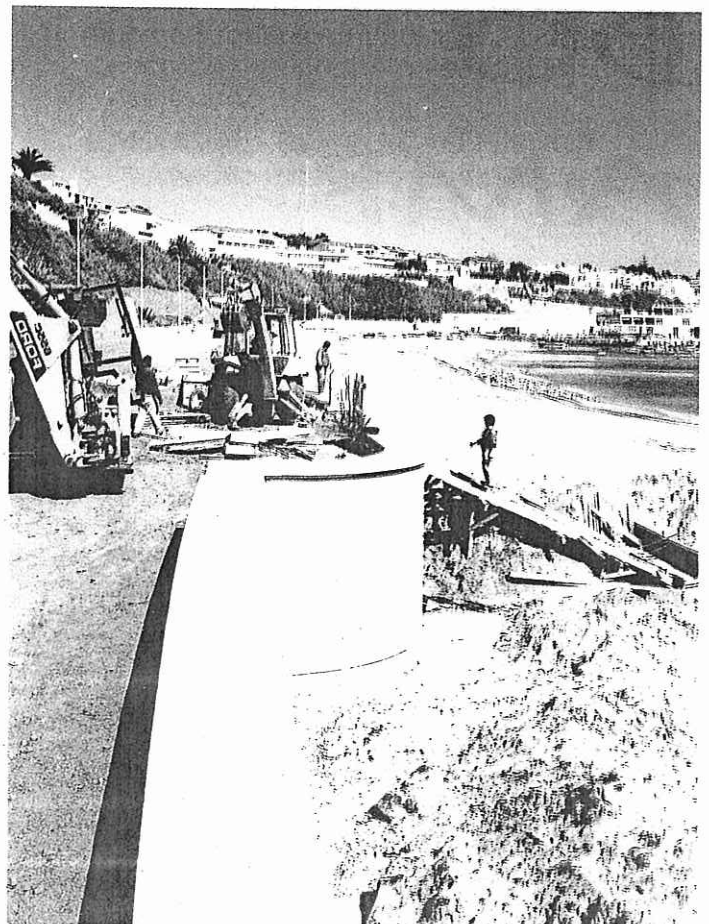
DESPORTO

— Vasco da Gama A. C.	870.000/mês
— Ginásio Clube Sines	480.000/mês
— Clube Desp. Porto Covo	60.000/mês
— Comissão M. Sonega	28.500/mês
— Leal Soneguense	27.800/mês
— Sociedade Columbófila	120.000/ano
— Clube Náutico	436.000/ano

CULTURA

— Centro Cultural E. Nunes	720.000/mês
— Sociedade Musical URSS	175.000/mês
— Teatro Amador de Sines	180.000/ano

Nota: Para além destes subsídios fixos, são concedidos apoios pontuais, designadamente em transportes, combustíveis e ainda subsídios financeiros para iniciativas diversas.



sines

informação municipal

PRESIDÊNCIA ABE

ambiente e Qualidade de Vida

SINES 04 Abril 1994



DO
AMB
IENTE
E QUA
LIDADE
DE
VIDA

ambiente e Qualidade

SINES 04 Abr



DELIBERAÇÕES DA C.M.S. DE JANEIRO A MARÇO 94 (O texto integral das deliberações aqui referidas consta das respectivas actas e editais afixados publicamente)

- 1. SUBSTITUTO LEGAL DO PRESIDENTE**
 - Designado o Vereador substituto legal do Presidente da Câmara Municipal de Sines, Senhor César Luís da Silva Beja.
- 2. VEREADOR EM REGIME DE MEIO TEMPO**
 - Designados: Senhor António Gonçalves Correia e Dr^a. Carmem Isabel Amador Francisco.
- 3. PERIODICIDADE DA REUNIÃO ORDINÁRIA**
 - É fixado que as reuniões sejam quinzenais e tenham lugar na primeira e terceira quarta-feira de cada mês, com início às 15 horas.
- 4. REUNIÃO PÚBLICA MENSAL**
 - É fixada a última Quarta-feira de cada mês.
- 5. DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIAS**
 - A C.M.S. delega no Presidente as suas competências, previsto no artº 51 da Lei 18/91, de acordo com o estabelecido no nº1 do artº 52.
- 6. EMPREITADA E FORNECIMENTO**
 - Nos termos do nº 1 do artº 39/82, é deliberado solicitar à Assembleia Municipal autorização para fixar em 50.000 contos a empreitada de 12.500 contos o fornecimento, acima dos quais será obrigatória a realização de concurso público.
- 7. DISPENSA DE CONTRATO ESCRITO EM FORNECIMENTO**
 - Nos termos do nº 3 do artº 9 do D.L. 390/82, é deliberado solicitar à Assembleia Municipal a dispensa do pedido de dispensa do contrato escrito superior a 400 contos.
- 8. GABINETE DE APOIO**
 - Nos termos do artº 8 da Lei 44/85 é nomeado o Senhor José Arcanjo Ferreira da Costa, adjunto do presidente.
- 9. SECRETÁRIA DA REUNIÃO DA CÂMARA MUNICIPAL**
 - No termos do artº 14, nº 1 e artº 22 da C.P.A., fica encarregada de secretariar a reunião da Câmara a Vereadora, Dr^a Carmem Francisco.
- 10. TERRENO PARA A COOPERATIVA DE CONSUMO**
 - Deliberado anular a decisão de cedência à Cooperativa de Consumo do Lote 4 da Zona B, propondo outro terreno à Cooperativa e colocando aquele em Hasta Pública.
- 11. TERRENO PARA OS CTT**
 - Deliberado anular a decisão anterior de cedência de um lote na Urbanização de Ferreira aos CTT e colocá-lo em Hasta Pública.
- 12. ETAR DO PORTO COVO**
 - Deliberado adjudicar o projecto de construção da ETAR do Porto Covo, devido à nova localização, pelo valor de 2.051.000 escudos + IVA.
- 13. A.M.L.A.**
 - Deliberado designar o Senhor Presidente, os Vereadores César Beja e António Correia, como representantes da C.M.S., naquela Associação.
- 14. A.M.D.S.**
 - Deliberado designar o Senhor Presidente e como substituto a Vereadora Carmem Francisco, como representantes da C.M.S. naquela Associação
- 15. CARNAVAL - ILUMINAÇÃO PÚBLICA**
 - Deliberado subsidiar a Comissão de Carnaval até ao montante de 6.000 contos.
- 16. COMITÉ DE GEMINAÇÃO**
 - Aprovado a criação do Comité Municipal de Geminação.
- 17. I.E.F.P.**
 - Deliberado considerar de interesse económico o projecto apresentado ao IEFPP pela Sociedade de Pescas Cardosos, Lda., para actividade de Pesca Artesanal;
 - Idem apresentado por Fernando José Costa Chaínho Gonçalves, para comércio a retalho de automóveis novos e usados;
 - Idem apresentado por Isabel Afonso Godinho Elisiário, para confecção de artigos de pela;
 - Idem apresentado por Victor José da Silva Vilhena e Joaquim António Melo Nobre, destinada à assistência de equipamento de cópia;
 - Idem apresentado pela Sinesdiesel, para reparação de bombas injectoras.
- 18. FEIRA DE AGOSTO 94**
 - Aprovado o regulamento que fixe o aumento de 10% para a taxa a cobrar e base de licitação.

sines

informação municipal

19. BAIRRO NOVO DA PROVENÇA

- Deliberado vender aos moradores e após avaliação as habitações do Bairro Novo da Provença.

20. VOLTA AO ALENTEJO EM BICICLETA

- Deliberado contribuir com 240 contos, correspondente à partida de uma etapa de Sines.

21. VENDA DE HABITAÇÃO

- Aprovada a venda da habitação nº 9 1/C - D da Rua da Floresta, ao Senhor Alfredo Ribeiro Pacheco, pelo valor de 32.065 escudos o metro quadrado.

22. VENDA DE TERRENO

- Aprovado a venda do lote 12 do loteamento do Farol ao Senhor Martinho António da Silva Rosa.

23. ACTUALIZAÇÃO DOS VALORES DOS DIREITOS DE SUPERFÍCIE

- Aprovado com proposta de actualização dos valores do terreno para habitação e indústria ligeira.

24. CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL

- Aprovado na generalidade este Código.

25. LOTE 5 DA URBANIZAÇÃO DO FAROL

- Aprovado que o Senhor João Manuel Gil Diogo assumira a posição do Senhor António Emídio Sacramento.

26. FURO DE ÁGUA NO ESTÁDIO MUNICIPAL

- Deliberado executar um furo de captação de água para fornecimento do sistema de rega do Estádio Municipal e do Jardim das Descobertas.

27. CASA MORTUÁRIA

- Aprovado a cedência através de protocolo do edifício a Casa Mortuária, à Santa Casa da Misericórdia de Sines.

28. RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DA C.M.S. DE JANº E FEVº.

- Aprovado

29. DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

- De acordo com o nº 1 e 2 do DL 409/91 a CMS delega no Senhor Presidente da Câmara a gestão da dotação global orçamental para o pessoal contratado, desde 5.1.94. O Senhor Presidente subdelega no Vereador dos Recursos Humanos, Senhor António Correia, essa gestão.

30. FESTIVAL DA LIBERDADE

- Sob proposta da AMDS a CMS comparticipa com 700.000 escudos, na realização desse Festival, a ter lugar nos dias 14 e 15/5/94.

31. SUBSÍDIOS

- Deliberado atribuir dois subsídios extraordinários ao Ginásio C. Sines. Um de 300 contos para apoio do VI Grande Prémio de Atletismo; outro de 180 contos, para reparação de uma viatura.

32. AQUISIÇÃO

- Aprovada a aquisição por ajuste directo de asfalto, gasóleo, e contadores de água pelo valor total de esc.: 4.545.766\$00.
- Aprovada a adjudicação à Auto Sines três viaturas ligeiras no sistema de aluguer de Longa Duração — 48 meses, pelo valor de esc.: 210.554\$/mês.

33. OBRAS

- Indeferido o requerimento de J. Silva Lobo — Construção; sobre alteração para Arrecadação o espaço destinado a estacionamento no lote 2 da Júdice Fialho.
- Indeferido o requerimento de Jaime Ferreira da Silva, para construção de Garagem, na rua da Constituição nº 1, por obrigar à destruição de jardins.
- Aprovado o projecto de um prédio no lote 4 do Largo Afonso de Albuquerque, apresentado por David Joaquim Pereira.

ORDEM DE SERVIÇO Nº 8/94

(excerto do texto original)

Francisco Maria Pereira do O'Pacheco, Presidente da Câmara Municipal de Sines, nos termos do artº 54 nº 4 do Dec-Lei 100/84, conjugado com os nºs 1 e 2 do artº 35 do C. P. A., delega na Directora do Departamento Administrativo e Financeiro, Drª Lídia Maria Silvestre Afonso de Magalhães, as seguintes competências:

1. Assinatura de correspondência dirigida a diversas entidades;
2. Emissões de certidões e 2ªs vias de documentos;
3. Despachos sobre expediente inerente ao Pessoal;
5. Assinatura de correspondência e vistos nos respectivos documentos, no âmbito de processos de obras particulares.

Os poderes delegados, poderão ser subdelegados no Chefe de Repartição e Chefes de Secção.

CUMPRASE

Paços do Concelho de Sines aos 21 de Fevereiro de 1994
O Presidente da Câmara

RTA



MÁRIO SOARES

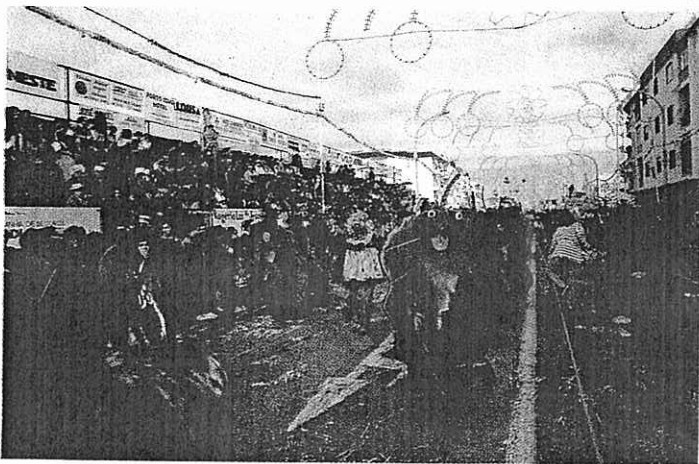


EM SINES

CARNAVAL DE SINES 1994 - BALANÇO



Apesar da significativa baixa a bilheteiros off-ride no último dia de Carnaval, devido ao mau tempo que se fez sentir, pode considerar-se de todo em todo positivo, o resultado final do Carnaval de Sines 1994.



Em comunicado emitido pela Comissão, salientando que os resultados do apuro geral são ainda incompletos, se bem que bastante próximos do saldo definitivo que, como é habitual, será apresentado na Assembleia Geral a realizar em Setembro/Octubro do ano em curso, registou-se um saldo positivo na ordem dos 3.600 contos.

Como já é habitual, a Comissão de Carnaval, após ter retido para despesas próprias cerca de 2.000 contos, distribuiu pelas diversas instituições locais os restantes 1.600 contos de apuro:

- 500 contos para os Bombeiros Voluntários de Sines
- 300 contos para a Santa Casa da Misericórdia de Sines
- 250 contos para o Vasco da Gama Atlético Clube
- 250 contos para o Ginásio Clube de Sines
- 200 contos para a Sociedade Musical Siniense
- 100 contos para a Sociedade Columbófila de Sines

O esforço dispendido por esta Comissão tem vindo a criar um espaço lúdico, fora da época



balnear, cada vez mais vendável a nível turístico.

O êxito dos resultados, segundo o que o Presidente da Comissão nos referiu numa conversa informal, deve-se sobretudo à utilização maciça dos *Media* e a uma campanha de Marketing bem dirigida.

Não há dúvida que a máxima «a propaganda é a alma do negócio» tem resultado em pleno.



8 DE MARÇO - DIA INTERNACIONAL DA MULHER



Comemorou-se no passado dia 8 de Março mais um Dia Internacional da Mulher.

O Presidente da Câmara de Sines, como um verdadeiro Gentleman, convidou todas as mulheres de Sines para um «Moscatel de Honra» na Sala de Sessões da Junta de Freguesia. Foi uma festa muito concorrida e bastante cordata, no que diz respeito ao tratamento que nós, homens, recebemos na festa «delas». Foram muito tolerantes, não nos discriminaram e ofereceram-nos de beber civilizadamente...

Mais uma vez vozes múltiplas vieram à praça falar da condição da mulher, da sua subalternização na sociedade, da discriminação que sofrem nos empregos, nos lugares de chefia, da sua responsabilidade tripla trabalho/casa/filhos, da sua exploração afinal pela sociedade intrinsecamente masculina onde estão inseridas... mas as coisas não se modificaram por aí além, no dia 9 de Março. As mulheres continuaram a picar o ponto no seu trabalho, a correr para casa para fazer o almoço ao marido, a cuidar dos filhos, se os têm pequenos..., diga-se em abono da verdade que as coisas continuaram exactamente como estavam no dia 7, e vão continuar a estar dia 20 ou 30 ou até 40, porque nunca se sabe se para as mulheres não irão inventar 40 dias por mês para elas darem conta do recado...

Isto pode fazer rir muitos de vós mas, na realidade, não tem piada nenhuma!

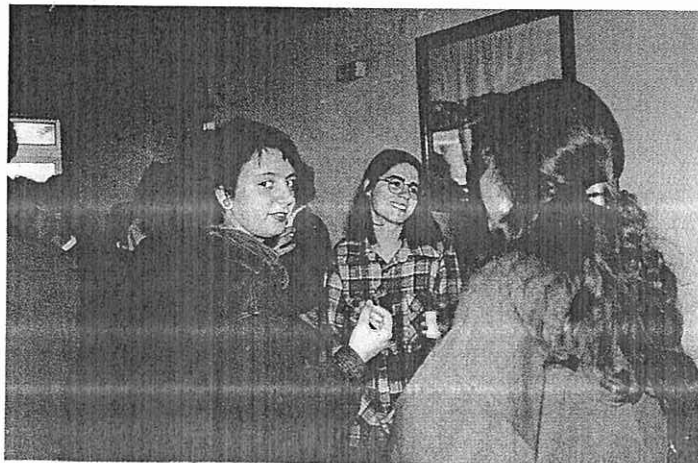
Há ideias divergentes quanto à comemoração destes ditos «dias internacionais». Há mesmo mulheres que se recusam a participar e a festejá-los, alegando serem estes autodiscriminatórios. É possível. Mas se as

mulheres não tomarem posições, não alertarem outras, não lutarem por aquilo que defendem, então jamais haverá uma paridade sexual entre este casal que povoa há milhares de anos o nosso planeta.

A vida moderna modificou completamente o status social que antropologicamente estava estabelecido pela própria História da Humanidade: o macho deixou de ser caçador recolector e a fêmea deixou de ficar em casa a gerir a dispensa e educar os filhos. A estrutura social contemporânea obrigou a mulher a sair de casa e a ter a mesma actividade que o homem para suprir as necessidades básicas familiares, logo, deixou ela mesmo de ter responsabilidades inerentes à sua anterior condição ou, pelo menos, por uma questão de justiça, dividiu as suas anteriores tarefas e responsabilidades com o homem.

Esta grande contenda do final do século: assexuar tarefas que dantes estavam restritas a determinados sexos e ao mesmo tempo assexuar a sociedade em que vivemos, não pretende por si mesmo masculinizar a fêmea para que possa competir em igualdade de circunstâncias com o homem; também não pede ao homem para se efeminar de forma a poder ter a sensibilidade que se supõe intrínseco ao desempenho das tarefas domésticas.

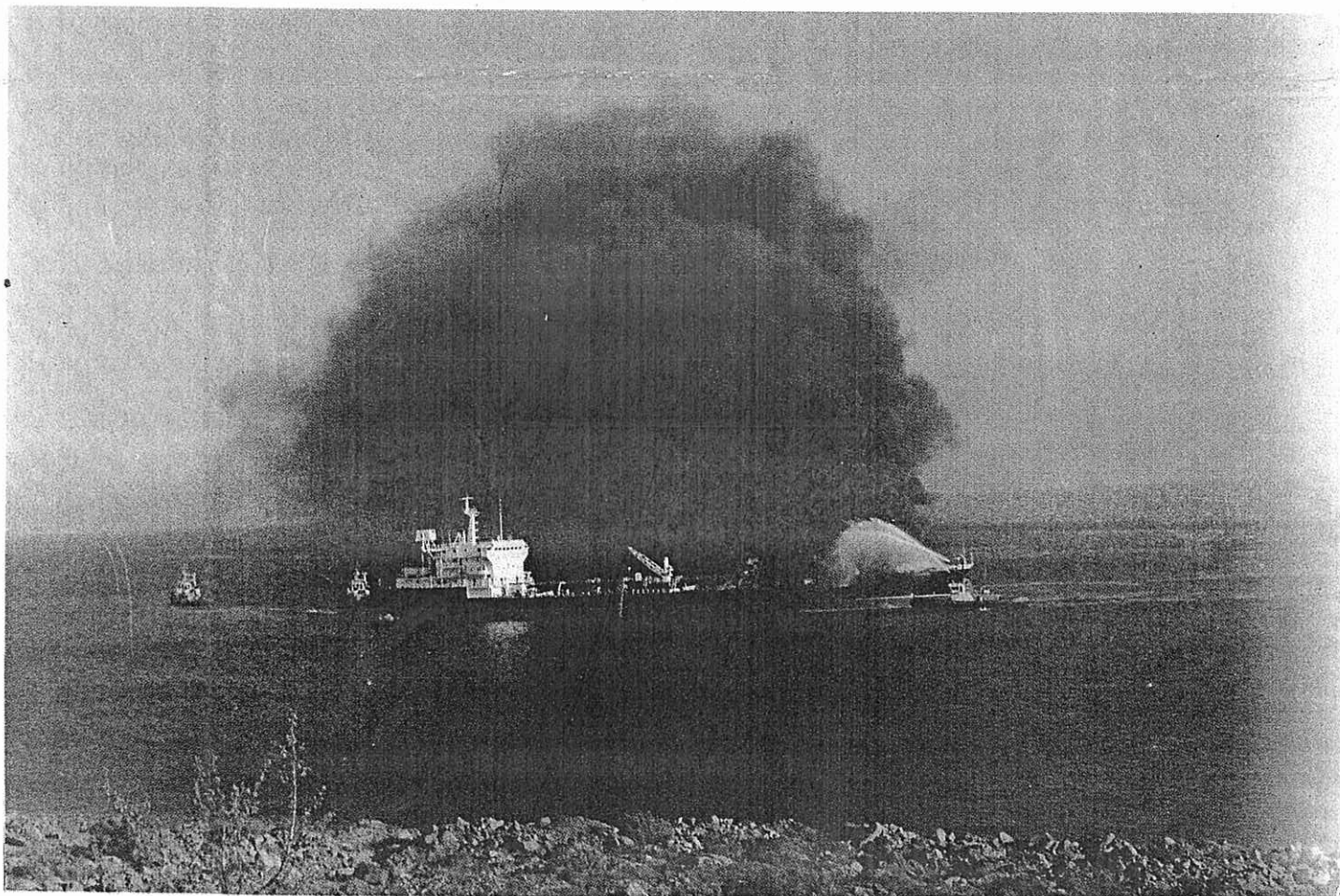
Não há qualquer razão para se sexualizar as coisas e as funções, isso é um preconceito ultrapassado de gente pouco culta, menos educada e pauperrimente informada. As mulheres têm, como é fácil de provar, as mesmas capacidades que o homem, embora sejam fisiologicamente diferentes, como convém.



sines

informação municipal

acidentes - acidentes - acidentes - acidentes - acidentes - acidentes



O GRANDE PÂNICO DE 1980

A Procissão ía no Andro...

Como todos os anos nessa mesma data a nossa vila vestia-se de pompa e circunstância em honra da padroeira dos pescadores, Nossa Senhora das Sallas. A Banda tocava a rigôre e a Fanfarra batia o Compasso cadenciado da lenta marcha da multidão silenciosa, encabeçada pelo Prior da Freguesia, segurando a grande cruz de Cristo ao sol dardejante de Agosto.

De súbito, o ruído de motores de um avião cruzou o azul perfeito da tarde. Os olhares elevaram-se para os céus seguindo o pequeno aeroplano cintilante que tão inopinadamente viera perturbar um tão sagrado momento.

Ainda o barulho dos motores não tinha totalmente desaparecido a norte quando uma formidável explosão sacudiu os ares fazendo tremer os alicerces da própria vila. Houve um instante apenas de

estupefactação logo seguindo de um clamor saído de todas as bocas ao mesmo tempo que os vidros das janelas se estilhaçavam sob a magnífica deslocação de ar.

O pânico instalou-se. Ninguém parecia saber o que se estava a passar mas parecia óbvio que o pequeno avião se havia despenhado sobre as instalações do Porto. Os Bombeiros, em farda de gala, abandonavam às pressas os instrumentos de música pelo chão e corriam ao Quartel; a multidão em turbamulta corria ao muro da praia fascinada pelo próprio medo tentando compreender de onde partiã aquela enorme nuvem negra que aos poucos ía encobrendo o azul sem mácula dos céus.

Entre os que se percipitavam para o muro da praia, atraídos pelo perigo, e os que fugiam literalmente, tentando abandonar Sines, espelhava-

acidentes - acidentes - acidentes - acidentes - acidentes - acidentes

-se na face a mesma terrível certeza: Sines estava prestes a ir pelos ares. Toda a gente se lembrava das enormes esferas de propileno nas imediações do Porto.

Afinal o incidente saldou-se, infelizmente, mas apenas, por uma morte, a do imediato do navio, que desapareceu no instante da explosão. A actuação imediata e corajosa dos nossos Bombeiros Voluntários assim como dos pilotos dos rebocadores, arrastando o barco em chamas até ao meio da baía, para afastá-lo dos contentores de matéria explosiva do Porto e deixá-lo arder a contra-vento, solucionou um problema que poderia ter sido bem mais grave.

Aconteceu no dia 15 de Agosto de 1980 e a população de Sines teve o seu grande susto que ainda não conseguiu esquecer. O petroleiro espanhol Campéon, que estava atracado no Porto, sofreu uma explosão num dos seus tanques e por um instante sobre o destino de Sines pairou a sombra da inquietação com que daí para a frente iria viver o sobressalto das suas noites e a quietude traiçoeira dos seus dias.



A 1ª «GREVE VERDE» EM PORTUGAL

Em Maio de 1982, na sequência de problemas surgidos com a poluição da Costa Norte de Sines, devido a despejos de efluentes da Companhia Nacional de Petroquímica (CNP), a Câmara convocou os pescadores sinienses para uma reunião. O Presidente informou nessa altura das diligências infrutíferas efectuadas junto do GAS, e empresas poluidoras do Complexo (nomeadamente a CNP);

que nos tinham prometido há mais de 3 meses que a Estação de Tratamento de Águas Residuais estaria em funcionamento em breve — o que até então não tinha acontecido — e que como era do conhecimento geral os problemas de poluição nas espécies piscícolas aumentava de dia para dia.

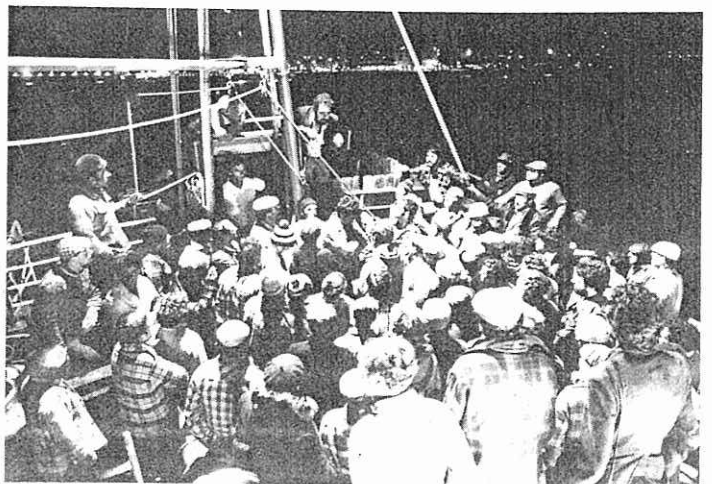
Apesar das análises efectuadas pela Direcção Geral de Saúde se terem mostrado negativas, os compradores e o público em geral rejeitavam o pescado devido ao cheiro e ao sabor que este ultimamente apresentava.

Foi formada uma Comissão de Luta, representando os pescadores e a população, encarregada de levar a cabo contactos junto do Governo e deliberar sobre formas de luta a adoptar.

A Comissão, formada pelo Presidente da Câmara, sete pescadores, um elemento do sindicato dos pescadores e um elemento da união de sindicatos de Sines e Santiago, conseguiu uma audiência com o Ministro da Qualidade de Vida, Arq^º Ribeiro Telles.

No dia 28 de Maio a actividade económica de Sines foi totalmente paralisada afirmando-se os pescadores dispostos a provocar uma paralisação total do Porto se a situação não fosse de imediato resolvida. A imprensa chamou-lhe «A 1ª Greve Verde em Portugal...»

No dia 8 de Junho os pescadores viriam a tomar posição num boicote ao porto industrial. Após horas de reunião nos Paços do Município com as partes envolvidas: Câmara Municipal, Gabinete da Área de Sines, Companhia Nacional de Petroquímica e Comissão de Luta, a CNP prometeu não lançar esgotos no mar até à entrada em funcionamento da ETAR, o que veio a cumprir no dia 15 de Junho... e não é que o peixe voltou a ter o mesmo sabor que sempre lhe conhecemos!



sines

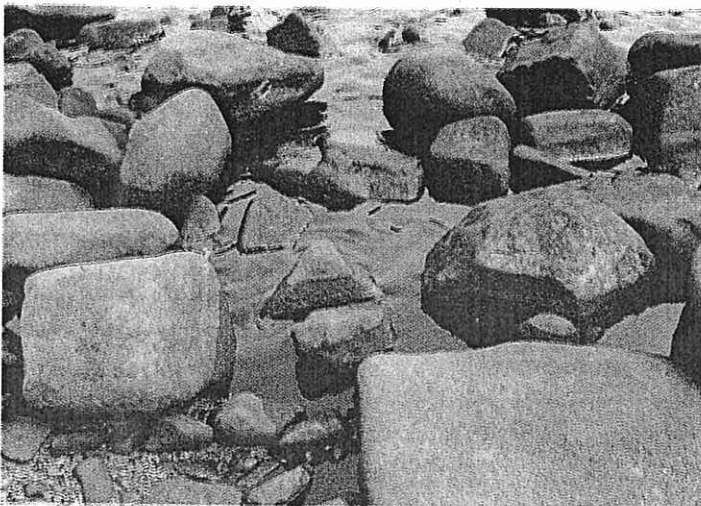
informação municipal

acidentes - acidentes - acidentes - acidentes - acidentes - acidentes

OS CASOS «NISA» & «MARÃO» UM VERÃO PARA ESQUECER

O anúncio de um derram de petróleo no terminal do Porto de Sines causou enorme apreensão entre os banhistas instalados desde Sines à Zambujeira do Mar. Causado pelo rebentamento de uma soldadura no petroleiro «NISA», da Soponata, este acidente, no início da época balnear (Maio 87), teve um impacto absolutamente negativo na venda do produto turístico, em toda a costa do sudoeste alentejano. Ainda que o grosso das ramas tivesse sido recuperado dentro da área portuária, a comunicação social não nos poupou...

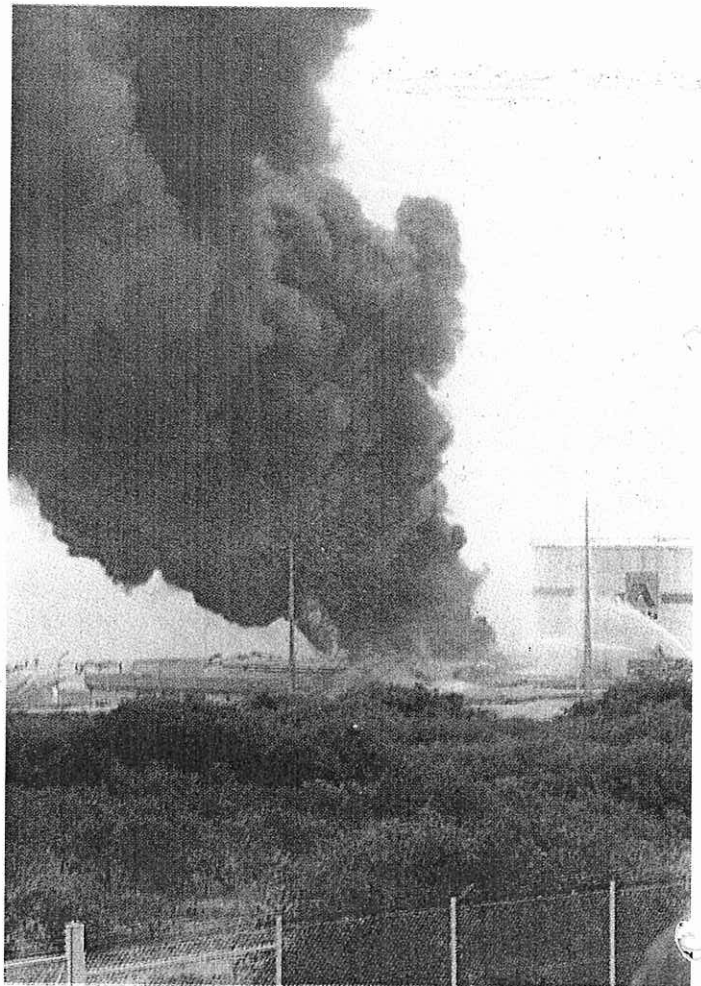
A 17 de Julho do mesmo ano, o navio tanque «MARÃO», carregado com 124 mil toneladas de crude, embate, devido ao intenso nevoeiro, contra a cabeça do molhe Oeste derramando cerca de 4.500 toneladas de crude, numa maré negra que se estendeu até às praias do Concelho de Odemira. Foi o Golpe de Misericórdia na época balnear. O Verão de 87 foi um caso absolutamente para esquecer...



O ACIDENTE DE 27 DE JUNHO DE 1988

Uma súbita explosão, no dia 27 de Junho de 1988, veio reacender velhas memórias e antigos receios, adormecidos desde 1980.

O incêndio criou inicialmente alguma agitação entre a população devido ao intenso fumo que se libertou e à correria de sirenes das ambulâncias e carros de bombeiros que percorriam as artérias da vila. Infelizmente, toda a urgência não pode evitar as duas vítimas mortais da exploração, dois jovens



operários de 18 e 27 anos respectivamente.

Do inquérito então levantado concluiu-se que a causa da explosão se ficou a dever a incúria dos operários intervenientes, que na altura utilizavam uma rebarbadora sobre um tanque de fuel cujos gases se inflamaram em presença das faíscas que inevitavelmente resultam deste tipo de trabalho.

Não se pode no entanto subtrair responsabilidades à empresa por não criar segurança superlativa quando se trata de fiscalizar subempreitadas onde os operários envolvidos desconhecem, na sua maioria, o perigo a que estão sujeitos perto de zonas de alto risco.

A reacção da população, se bem que a informação tenha sido devidamente veiculada pelas emissoras locais: Rádio Sines e Rádio Vendaval, também não abonou em favor de um provável e futuro incidente de superior gravidade. O trauma que em 1980 ficou no coração dos sinienses ainda não se extinguiu por completo.

acidentes - acidentes - acidentes AS DESCARGAS DE NOVEMBRO 1988

Três descargas de substâncias tóxicas lançadas ao mar pela Companhia Nacional de Petroquímica (CNP), mataram nas primeiras duas semanas de Dezembro de 88, várias espécies piscícolas ao largo da costa de Sines. O caso foi investigado pela Polícia Marítima e diversas outras entidades.

O Presidente da Câmara solicitou ao Secretário de Estado do Ambiente o envio de uma equipa para fiscalização das actividades industriais das empresas do Complexo e particularmente a CNP.

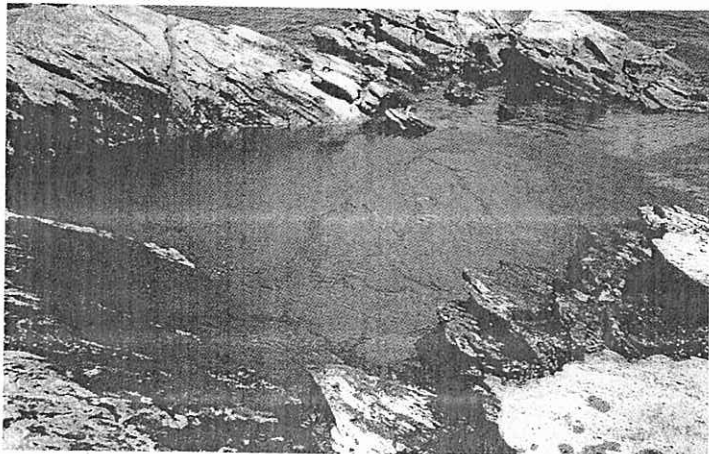
As análises efectuadas pelo INIP (Instituto Nacional de Investigação das Pescas), ao peixe atingido apontam para contaminação da água, como causa da mortalidade indiferenciada.

O documento subscrito pelo Presidente do INIP acrescenta que a morte dos peixes ficou a dever-se a excesso de alcalinidade na água pelo vertimento de uma substância base muito forte. Os técnicos consultados indicaram tratar-se de detritos de gasolina de pirólise, carbonato de sódio — soda cáustica, entre outros possíveis.

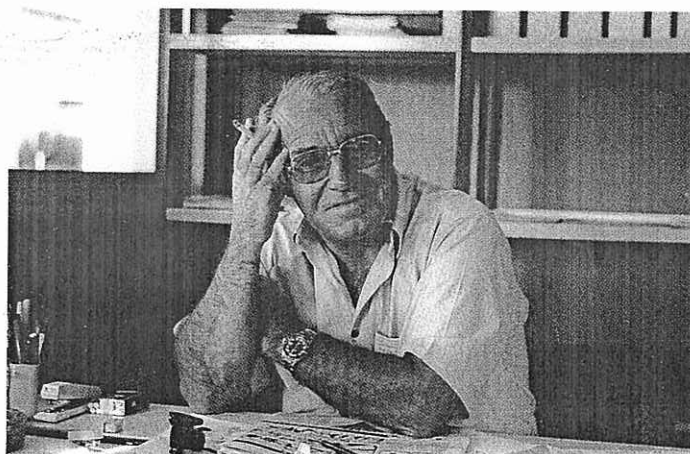
Infelizmente, este tipo de acção acaba por ser economicamente mais rentável do que o tratamento dos produtos a lançar ao mar. A empresa responsável pela contaminação das águas paga não mais de 3 mil contos, caso seja provada intenção dolosa.

Há menos de um ano, só a intervenção directa de departamentos responsáveis a nível governamental cessou outro atentado ao ambiente que, por razões de poupança, como alegava a CNP, se vinha cometendo (in O Europeu - 11.12.88).

Tratou-se da secagem de «lamas oleosas» em valas não impermeabilizadas, no interior do perímetro das instalações, a despeito do aterro sanitário, propriedade do GAS, que estava equipado com valas impermeáveis.



MORREU O PROFESSOR MANAFAIA



O nosso querido amigo e camarada Carlos Manafaia faleceu no passado dia 10 de Fevereiro após uma cruel doença que debilitou aos poucos aquele que foi, nos seus tempos, um dos grandes atletas deste país. Seis vezes Campeão Nacional na modalidade de Pesca Subaquática nos nove campeonatos em que participou, Carlos Manafaia foi ainda internacional nos Campeonatos Europeu e Mundial, classificou-se sempre entre as cinco primeiras posições. No Jogos Luso-Brasileiros alcançou a distintíssima 2ª posição e no Campeonato do Mundo do Brasil e de Cuba o 16º e o 11º lugar, respectivamente.

Conhecido ternamente entre os mais jovens por «Professor», tendo leccionado 8 anos em Brescos e Sines como professor do Ensino Primário, ocupou o cargo de Delegado Escolar, até abandonar o mestrado para se dedicar à ocupação de Despachante Oficial. Exerceu o cargo de Presidente da Câmara de Sines e foi um dos impulsinadores da fusão dos clubes de futebol Lusitano e do Nacional, actual Vasco da Gama Atlético Clube além de fundador, com um grupo de pescadores, da Cooperativa Estrela da Liberdade (76).

A sua personalidade simpática e franca tornaram-no querido entre os seus conterrâneos que o elegeram como Deputado à Assembleia da República nas listas do Partido Comunista.

No Dia do Município, 24 de Novembro de 1993, foi-lhe concedida a Medalha de Ouro de Mérito Desportivo Municipal, galardão máximo concedido pela autarquia a nível desportivo.

O Boletim Municipal, na pessoa do seu Director, O Presidente da Câmara Municipal de Sines, Francisco Maria Pereira do O'Pacheco e de todo o staff, apresentam à família os seus sinceros pêsames.

sines

informação municipal

cultura - cultura - cultura - cultura - cultura - cultura - cultura - cultura

JULIETA AURORA E A «SUA VONTADE DE CRIAR ESPECTÁCULOS» NO TEATRO DO MAR

Boletim Municipal - Julieta, o que é para ti o Teatro?

Julieta Aurora - O teatro, para mim, é sobretudo a representação da vida, é também a arte que eu considero mais completa por englobar todas as outras formas de expressão artística como as artes plásticas a pintura, a fotografia, até o cinema pode ser teatro...

BM - Como começou a tua experiência com o teatro?

JA - Mais seriamente começou em 86 com o Teatro do Mar, com o Wladimiro Franklin.

BM - Como se foi desenvolvendo a experiência?

JA - Começámos a trabalhar no Centro Recreativo Siniense. Na altura em que o Wladimiro surgiu o grupo já estava reunido. Outras pessoas foram aderindo ao projecto, o projecto foi crescendo, isto tudo em 86, estou a falar especificamente desse ano. Construímos um espectáculo durante 8 meses e recuperámos um espaço que mais tarde nos foi atribuído como Teatro Oficina. O espectáculo foi a farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente, mas a nossa primeira estreia foi um recital de poesia da Sala de Sessões da CMS a 8 de Março de 86. Um recital dedicado à mulher... porque o 8 de Março é exactamente isso: o dia internacional da mulher.

BM - Formaram o grupo e...?

JA - ... e chamamos-lhe Teatro do Mar. Reunimos-nos a propósito e toda a gente apresentou propostas. Depois, fomos a votos... a relação é bastante explícita.

BM - Havia alguma temática ou fio condutor no vosso trabalho ou saltavam por diversos campos em busca de um caminho?

JA - Eu acho que se está sempre em busca de um caminho. Mesmo quando lá se está ainda se pensa que se anda à procura... ao longo desse tempo estivemos sempre a fazer trabalho de investigação, portanto, de descoberta. Se havia um fio condutor era muito subtil e era fazer trabalhos que estivessem mais vocacionados para as escolas, para trazer o público mais jovem a ver espectáculos.

BM - Qual a aderência do público siniense?

JA - A melhor possível! Os espectáculos eram bastante populares, mas isso tem sobretudo a ver com a personalidade do Wladimiro Franklin e com as escolhas de textos que ele fazia.

BM - E em termos de apoios?

JA - A Câmara Municipal sempre nos apoiou. Sem o seu apoio não teria sido possível o Teatro do Mar existir e dar continuidade ao seu trabalho.

BM - Mas o Teatro do mar sofreu um interregno...

JA - Sim, três anos aproximadamente. Por várias razões uma delas a saída do Wladimiro de Sines, que não aconteceu no início desses três anos mas que já estava prevista. Depois, alguns dos elementos, estudantes, foram para Lisboa, a vida das pessoas dispersou-se e o grupo ficou cada vez mais reduzido até que as actividades pararam por completo.

BM - Mantiveste alguma ligação ao teatro nesses três anos?

JA - Não tanto como gostaria, mas mantive. Depois de ter trabalhado 5 anos no teatro do Mar, aliás foi essa experiência que revelou a minha vocação — embora tivesse tido alguma experiência anterior, sobretudo brincadeiras — resolvi adquirir mais técnica e experiência e integrei alguns cursos de formação e workshops em Sines e fora de Sines. Fiz alguns espectáculos pontuais, com grupos pontuais, fui convidada algumas vezes para ler poesia em Lisboa, em lançamento de livros...

BM - Entretanto, alguma coisa começou a mexer em 93?...

JA - Havia um texto que me apaixonava há muitos anos e que contava a história de um país, um texto escrito sobre a forma de poesia cujo autor era Ary dos Santos... e não sei porquê é que o bichinho do teatro me voltou a picar outra vez... talvez tenha sido por causa de um desfile de modas que organizei para a boutique «Oxigénio». Para encenar esse desfile tive que inventar um grupo de jovens e prepará-los. O desfile era quase um espectáculo teatral, não me limitei a mostrar a roupa e criei diversas performances em redor dessa mostra de roupas.

BM - Era afinal a tua vontade de fazer teatro?

JA - Era a minha vontade de criar espectáculos. Quando o desfile aconteceu, não conseguí suportar o vazio de não fazer outra coisa, o show levou cerca de dois meses e meio a preparar. Em seguida convidei algumas das pessoas que tinham trabalhado comigo no desfile e convidei outras, agarrei no tal texto que me apaixonava e comecei a trabalhá-lo. A meio do trabalho, reparei que o grupo se consolidava e resolvi convidá-los a fazer parte de um grupo de teatro permanente, ouseja, reabilitar o Teatro do Mar. As pessoas aceitaram o convite e cá estamos.

BM - Quando começaram a trabalhar o texto?

Qual era o nome?

JA - Começamos em Março 93, portanto, já há um ano. Chamava-se «O Tempo da

Lenda das Amendoeiras» e a estreia foi em Novembro 93, integrado nas comemorações do 24 de Novembro.

BM - Como decorreram os ensaios?

JA - Bastante melhor que o ensaio do desfile de moda. Talvez não se possam estabelecer comparações por serem coisas totalmente diferentes, mas eu estava mais segura, as pessoas já se conheciam, algumas delas mantinham relações pessoais e as relações de trabalho foram mais fáceis.

BM - Em termos de Produção, quais foram os maiores encargos?

JA - Sobretudo o guarda-roupa. Os meios de que dispunhamos não eram muitos e algumas peças e acessórios eram complicados e nenhum de nós tinha sequer costurado... mas íamos repetindo até as coisas saírem bem. É desse criar, desmanchar e recriar que surge todo o trabalho.

BM - Direcção de actores... alguns talentos ou só boa vontade?

JA - Existem três vertentes: os talentosos com vontade, os que tem vontade mas infelizmente nenhum talento e os talentosos só... mas não vou destacar ninguém porque o teatro não é um trabalho que se faça isoladamente como escrever um livro ou pintar um quadro. É uma coisa que se tem que fazer em grupo. O personagem, que pode parecer à priori, mais insignificante num espectáculo, pode ser o elemento fundamental e sem ele o espectáculo pode não acontecer.

BM - Equaciona juventude e Sines...

JA - Em relação ao Teatro do Mar objectivamente posso dizer que 90% dos componentes são jovens, mas o grupo é apenas constituído por 25 pessoas, percentagem muito pequena da juventude de Sines. Mas não é só importante os que estão dentro do grupo, esses atraem outros mais não seja para assistir a espectáculos. Aliás o grupo começou com 14 e já vamos em 25... mas mesmo que seja uma percentagem pequena, mais vale poucos e estarem a fazer alguma coisa que vai reverter em favor de todos os outros do que essa pequena percentagem nem existir e ninguém poder usufruir desse trabalho.

BM - Artes e Cultura? O Teatro do Mar pretende fazer algo nesse campo com os jovens?

JA - Posso dar exemplos práticos, em relação a isso. Para construirmos um espectáculo, por exemplo, um recital de poesia, temos que fazer uma selecção de poemas, o que obriga as pessoas a conhecer os poetas, a lerem poemas, a fazerem interpretações

cultura - cultura - cultura - cultura - cultura

textual... alerta afinal as pessoas para a literatura. Há que construir-se cenários, esse cenário tem que estar enquadrado no espectáculo... há que fazer investigação, tem que se executar o cenário... o que alerta as pessoas para a pintura. Tem que fazer-se reportagem fotográfica sobre o que está a fazer... logo a fotografia, inclusive a fotografia pode fazer parte do espectáculo. Pode fazer-se um diaporama, uma passagem de diapositivos... esses diapositivos serão obrigatoriamente feitos pelos intervenientes. Em relação ao guarda roupa, as pessoas tiveram que aprender técnicas de construção de roupa, corte e costura e mesmo estilismo.

BM - Voltando à Lenda das Amendoeiras... quantas representações?

JA - Sete representações em Sines... mas estão projectadas mais duas representações, uma a convite do Teatro de Portalegre e outra a convite da CM da Vidigueira a encenar numa ruínas perto da Vila...

BM - Actualmente, no que é que o grupo está a trabalhar?

JA - Estamos a fazer um espectáculo prepositadamente para o 25 de Abril que se chama «A Sombra de uma Flor» — espectáculo de poesia e expressão dramática. Os ensaios decorrem no Teatro Oficina, porque neste momento não temos Sede. É um espaço temporário que nos foi cedido pelo CCEN, embora o nosso objectivo seja arranjar um espaço definitivo.

BM - E para 95?

JA - Despoletámos já o processo de transformação do Teatro do Mar numa associação de juventude que terá um plano de actividades que não irá apenas englobar o teatro mas também outras áreas, todas elas vocacionadas para a juventude. Estamos neste momento a trabalhar para o plano de actividades; os estatutos da associação já estão prontos com o apoio jurídico do Instituto da Juventude, no final de cada ano será sempre preparado um plano de actividades para o ano seguinte. Mas, para que isto seja viável, precisamos de um espaço definitivo.

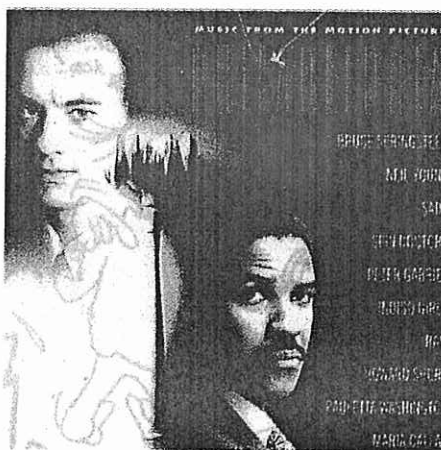
BM - Após o 25 de Abril... têm alguma outra programação?

JA - A Lenda das Amendoeiras levou 5 meses e meio a executar... estamos a preparar agora um trabalho de investigação que se baseia na descoberta do corpo e da expressão, da pessoa enquanto actor, porque o teatro é sobretudo «o actor». O máximo que posso adiantar é que o espectáculo se chama «Ma-Liang» e trata-se da história de um rapaz da China Imperial.

BM - Qual é o vosso maior sonho?

JA - Autonomia: ter um espaço próprio e diversificar o mais possível as actividades...

O FILME DO MÊS «FILADÉLFIA» de Jonathan Demme



Andrew Becket é despedido da firma onde trabalha porque contraíu o vírus da Sida. Discriminado pela sociedade decide processar os homens que o julgam pelo facto de estar a morrer de uma doença apontada a dedo. Depois da antropofagia, Jonathan Demme volta a outro assunto polémico. Mais do que um alerta para os fantasmas criados à volta da doença, este filme funciona também como o primeiro incursor dum tema tabu junto do grande público. Graças a um fantástico elenco e uma equipe de produção eficiente, foi possível juntar a paixão do cinema à frieza da realidade.

A acção segue a uma velocidade vertiginosa que tal como a doença em si impossibilita o espectador de descansar... é impossível parar o sistema que está montado. Pretende-se acima de tudo desmistificar o preconceito, a discriminação feita em torno da doença. O realizador escolheu um homossexual como personagem principal, que deu a Tom Hanks o Oscar de melhor actor no passado dia 21 de Março na entrega de prémios da Academia Cinematográfica de Los Angeles. Num registo sem contemplações Jonathan Demme dá as cartas e permanece como observador neste jogo que cria com o público obrigando-o a pensar, a tomar partido e até a desculpar o que até há bem pouco tempo seria imperdoável.

Filadélfia é uma lição de vida.

JORGE GANHÃO & C^ª gravam Compact Disc



O primeiro album em disco compacto com inéditos da formação de Jorge Ganhão & Cª, vai estar nos escaparates já nos finais do mês de Março, início de Abril de 94 com o título «CANTAR», numa Edição da Movieplay.

Da formação fazem parte Álvaro Guerreiro, na viola; Jorge Ganhão, viola e vocalização; Benito Calisto, no baixo e Jorge Silva e José Liaça no piano e Sintetizadores, respectivamente.

As composições originais, cujos arranjos e orquestração, são do Jorge Ganhão e do Jorge Silva, tem a duração de mais ou menos 40 minutos e sai em formato compacto com as características comuns a estas edições: fidelidade e clareza soberbas. As letras das músicas são de autoria de alguns poetas populares da região, nomeadamente de Augusto Rodrigues, António Arsénio e Ti Manel do Tojal. Além destes o escritor Manuel da Fonseca tem também um dos seus trabalhos poéticos musicados mui originalmente.

O BM ouviu a título particular o master da gravação e, se bem que a qualidade sonora do reprodutor fosse medíocre, podemos afirmar-lhe que o disco nos surpreendeu deveras, não só pela sofisticada orquestração de que se serviu, como pelos solos à la Knopfler do nosso amigo Álvaro.

Parabéns Rapazes!

ABRIL de 1974

«in A CAPITAL de 30 Abril de 1974»



ANTES DA QUEDA

Esta é a última fotografia da fuga de três membros do antigo Governo e de uma personalidade sobejamente conhecida do regime derrubado: o Dr. Moreira Baptista, o General Andrade e Silva, o contra-almirante Pereira Crespo e o contra-almirante Henrique Tenreiro. Foi obtida poucas horas antes da derrocada do antigo poder pelo nosso repórter fotográfico Teresa Monserrat. Mas esta fotografia tem uma história: António dos Santos e Teresa Monserrat constituíam uma das equipas de reportagem que trabalhavam na cidade. Na Rua do Arsenal as forças estacionadas eram ainda fiéis ao governo de Marcello Caetano (quinze minutos decorridos já teriam aderido ao Movimento). Protegiam a saída dos ex-ministros da zona do Terreiro do Paço. Teresa Monserrat «disparou», quando eles se preparavam para entrar num autocarro da Marinha. Porém, o contra-almirante Tenreiro apercebeu-se. E ordenou que se apreendesse a máquina fotográfica. Entretanto, correu em direcção ao redactor António dos Santos e arrancou-lhe os apontamentos da mão. Depois destruiu-os. As pessoas que se aglomeravam no local protestaram. Henrique Tenreiro entrou no autocarro e partiu. Ontem a máquina foi devolvida a Teresa Monserrat, no R.A.L. 1. O capitão Simões fizera questão e diligenciara no sentido da restituição. No interior uma fotografia. Duplamente valiosa.